

# DA CISJORDÂNIA AO BRASIL: A COLÔNIA PALESTINA EM CORUMBÁ, MATO GROSSO DO SUL

## FROM THE WEST BANK TO BRAZIL: THE PALESTINIAN COLONY IN CORUMBÁ, MATO GROSSO DO Sul

Gilberto Luiz Alves<sup>1</sup>

Adham Najeh Abdel Hamid Mohd Mustafa<sup>2</sup>

Gisele Marques De Araújo<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo foi desvelar a origem da colônia, constituição, formas de inserção socioeconômica e suas características atuais. Com coleta de dados empíricos por meio de questionário com dez pessoas integrantes da colônia. Evidenciou-se que os imigrantes palestinos superaram dificuldades econômicas e culturais quando chegaram a Corumbá, conseguiram acumular capital, elevar suas condições socioeconômicas e participar ativamente do desenvolvimento da região que escolheram para se fixar.

**Palavras-Chave:** Imigração, Sociedade, Desenvolvimento Regional.

**Abstract:** The aim of this article was to discover the origin of the colony, constitution, forms of socioeconomic insertion and its current characteristics. With empirical data collection through a questionnaire with ten people, members of the colony. It was evidenced that Palestinian immigrants overcame economic and cultural difficulties when they arrived in Corumbá, were able to accumulate capital, raise their socioeconomic conditions and actively participate in the development of the region they chose to settle.

**Keywords:** Immigration, Society, Regional Development.

### Introdução

Este artigo visa revelar a trajetória da colônia palestina no extremo Oeste de Mato Grosso do Sul, região fronteira com a Bolívia. O objetivo foi conhecer a origem, constituição, formas de inserção socioeconômica da colônia palestina de Corumbá, Mato Grosso do Sul, e sua contribuição para o desenvolvimento regional. A hipótese levantada foi que a colônia palestina de Corumbá possibilitou o desenvolvimento da região.

A dispersão dos palestinos pelo mundo se iniciou com a criação do Estado de Israel em 1948, o que instaurou a *Nakba*<sup>4</sup>, logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1948). O

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (1991). Professor Pesquisador da Universidade Anhanguera - Uniderp, Brasil.

<sup>2</sup> Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Anhanguera - Uniderp, Brasil (2022). Professor substituto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: [adam\\_mos@yahoo.com](mailto:adam_mos@yahoo.com).

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>4</sup> Uma palavra árabe (النكبة) que significa "catástrofe" ou "desastre" e designa o êxodo palestino de 1948.

movimento sionista<sup>5</sup> declarou a instalação do "Estado de Israel" na noite de 14 de maio de 1948 e, no final da guerra, foi capaz de derrotar os exércitos árabes e assumir cerca de 78% do território palestino<sup>6</sup>.

## Metodologia

A presente pesquisa seguiu a linha epistemológica histórico-dialética. O método do materialismo histórico-dialético estuda o movimento da sociedade e, sendo assim, sempre destaca o que está oculto por meio de suas categorias chaves: totalidade, mediação e contradição.

Para Marx, “[...] o método implica uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação como o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações”.<sup>7</sup> O autor ainda salienta que o método de pesquisa de Marx parte do processo histórico e seu desenvolvimento interno, reconstruindo todo esse processo. Para Marx, quando se retorna ao pensamento, existe um momento investigativo que é compreendido de modo mais inclusivo e abrangente.

O processo de análise dos dados dessa pesquisa sob a vertente do método do materialismo histórico-dialético constitui um trabalho minucioso com o objetivo de investigar o fenômeno do seu movimento e bases dinâmicas. Para essa análise, os sujeitos foram compreendidos como históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura como criadores de ideias e consciência que, ao produzirem e reproduzirem a realidade social, são, ao mesmo tempo, produzidos e reproduzidos por ela.<sup>8</sup>

A linha escolhida permitiu contrapor a história, os anseios, os fatos e acontecimentos que determinaram a vinda dos palestinos para Corumbá (MS), que é sua origem, ou seja, a história da origem e da constituição da comunidade palestina na região, e como ocorreu seu desenvolvimento socioeconômico.

Foram colhidos dados secundários para realização do presente texto em artigos e livros, com base nos trabalhos sobre território, identidade, cultura e desenvolvimento. Nesse sentido, a pesquisa realizou análise de conteúdo com técnica qualitativa, pois também trouxe pesquisa bibliográfica, analisando e interpretando conforme o contexto, escritos de livros, jornais, revista, periódicos, monografias, dissertações, teses etc.,

---

<sup>5</sup> Movimento político que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado nacional judaico independente e soberano na Palestina.

<sup>6</sup> TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. *História Unisinos*. São Leopoldo – RS. v. 11, n. 3, p. 359-366, 2007.

<sup>7</sup> NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 53.

<sup>8</sup> *Id.*

consistindo em “descrever, interpretar, comparar, identificar etc. figuras de linguagens, representações individuais e/ou coletivas, mensagens veladas ou explícitas”.<sup>9</sup>

A técnica qualitativa investiga o processo central do estudo, por meio de métodos para compreender o objeto de maneira ampla, sem desconsiderar as especificidades do contexto histórico-social vivido. A escolha pela técnica qualitativa está ligada ao tipo de informações colhidas, pois preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Forneceu análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências e comportamentos etc..<sup>10</sup>

A pesquisa é, também, etnográfica, pois teve como objetivo conhecer “determinado povo em particular, cujas categorias de análise são a língua, raça, religião, costumes, tradições etc.”<sup>11</sup>, como é o caso da presente pesquisa, que tratou de conhecer o povo palestino e sua comunidade localizada em Corumbá, para onde parte migrou.

A pesquisa documental tratou da observação de documentos já existentes que ainda não tinham, na maioria dos casos, recebido tratamento analítico ou puderam ser relidos com a esperança de uma interpretação nova ou complementar. Essa análise pode oferecer uma excelente base para outros tipos de estudos qualitativos, permitindo que as interpretações do pesquisador o dirijam para enfoques diferentes durante a pesquisa.<sup>12</sup>

Os dados primários foram colhidos por meio de ficha de identificação e aplicação de questionário com perguntas abertas aos 10 (dez) participantes, inclusive, alguns representam lideranças desse contingente, palestinos e descendentes mais antigos, integrantes da colônia palestina de Corumbá, selecionados por meio do contato pessoal do pesquisador, devido a ser filho de palestinos e ter convivência com a comunidade de Corumbá, que aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responder aos questionários (parecer favorável do Comitê de Ética n. 4.763.046, de 2 de fevereiro de 2021).

Os documentos que fizeram parte do presente trabalho foram os registros fotográficos, que atestaram a entrada dos palestinos no Brasil, cedidos pelos próprios entrevistados, ressaltando-se que algumas imagens ficaram com qualidade inferior, por serem muito antigas; os registros dos imóveis pertencentes aos palestinos que foram colhidos no cartório de registro de imóveis de Corumbá, cujos dados são públicos e estavam disponíveis mediante o pagamento de uma taxa; dados sobre impostos pagos pelos palestinos colhidos na Prefeitura (IPTU, ISSN); o TCLE; e Roteiro das entrevistas.

<sup>9</sup> NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. Op. cit. |p. 52.

<sup>10</sup> *Id.*

<sup>11</sup> *Id.*, |p. 53.

<sup>12</sup> *Id.*

Quanto às fontes secundárias, foram levantadas em livros, capítulos de livros e artigos científicos. Reportagens da imprensa, em especial da corumbaense, contribuíram para complementar informações.

## Resultados e discussão

### *Origem da colônia palestina de Corumbá*

A Palestina ocupava metade da estreita faixa de terra à margem do Mar Mediterrâneo<sup>13</sup>, é considerada o coração do mundo árabe, o berço das grandes religiões monoteístas da história e o encontro de civilizações. Está localizada no oeste da Ásia entre as latitudes 20º, 23' 30" sul e longitude 49º, 25' 58" oeste. Faz fronteira a oeste com o Mar Mediterrâneo, a Leste com a Síria e Jordânia, ao norte com o Líbano e Síria e ao sul, com a Península do Sinai e o Golfo de Aqaba.<sup>14</sup>

A área da Palestina é de cerca de 27.009 quilômetros quadrados. Tem a forma retangular e seu comprimento de norte a sul é de cerca de 430km, enquanto sua largura ao norte varia de 51 a 70km, ao meio varia de 72 a 95km, enquanto ao sul pode chegar a cerca de 117km<sup>15</sup>.

As ambições dos países ocidentais na Palestina são de longa data devido à importância econômica e militar daquele país. As invasões das cruzadas atestam a força e extensão dessas ambições, bem como os grandes desafios históricos postos pela ocupação estrangeira da Palestina.<sup>16</sup>

O Ocidente recuperou seu interesse na região árabe na esteira da ocupação britânica da Índia, no século XVII, e da campanha de Napoleão Bonaparte contra o Egito e a Palestina no final do século XVIII. Os palestinos são um terço da população refugiada do mundo.<sup>17</sup> Grosso modo, foram forçados ao exílio, após a *Nakba*<sup>18</sup>, quando da criação do Estado de Israel em 1948. Na história de seus desterrados, esse é um dos episódios fundamentais. Mas há outros fatos, anteriores à disputa e à ocupação de seus territórios para Israel e relativos à colonização.<sup>19</sup>

---

<sup>13</sup> FAGUNDES, Juliano Pimenta. *Governador da Terra: Jesus, sob o olhar das últimas descobertas científicas e da ciência espírita*. Capivari: EME, 2020.

<sup>14</sup> TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. *História Unisinos*. Op. cit.

<sup>15</sup> *Id.*

<sup>16</sup> *Id.*

<sup>17</sup> NABULSI, Karma. Los refugiados. *Vanguardia dossier (dedicado a los palestinos)*. Logroño-ESP. v. 8, p. 49-54, 2003.

<sup>18</sup> Uma palavra árabe (النكبة) que significa "catástrofe" ou "desastre" e designa o êxodo palestino de 1948.

<sup>19</sup> KHALIDI, Rashid. La construcción de la identidad. *Vanguardia dossier (dedicado a los palestinos)*, Logroño- ESP. v. 8, p. 18-21, 2003.

A primeira imigração palestina (1890-1918) começou na era Otomana, a partir de cidades predominantemente cristãs como Belém, Beit Jala e Beit Sahour. Os imigrantes se estabeleceram no Nordeste do Brasil, no Estado de Pernambuco.

A experiência desses palestinos no país revela nexos com outros fatos históricos: Guerra dos Seis Dias em 1967, a Intifada (revolta popular em árabe), em 1987, e os massacres nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, em 1982. Tais fatos permitem entender um constante “ir” e “vir” de familiares que ora precipitavam a imigração, ora faziam viagens de visita à Palestina, limitadas em virtude do impedimento de retorno à terra natal. Esses refugiados sempre viram sua permanência no estrangeiro como transitória, marcados pelo desejo de volta ao seu território de origem, mas o tempo também criou laços com os habitantes locais, que os receberam, e muitos se fixaram em definitivo. Um dos principais motivos para a escolha da cidade é que já habitavam patricios conhecidos, e por Corumbá, à época, possuir um porto dinâmico viabilizando o comércio. Por causa da necessidade de refúgio em função da ocupação israelense, os palestinos ficaram sem seu território de origem, mas a desterritorialização é um mito.<sup>20</sup> Os territórios permanecem fortemente presentes na organização espacial, porém, com a pós-modernidade, as relações territoriais são reestruturadas.

O mundo moderno das territorialidades contínuas/contiguas regidas pelo princípio da exclusividade [...] estaria cedendo lugar hoje ao mundo das múltiplas territorialidades ativadas de acordo com os interesses, momento e lugar em que nos encontramos.<sup>21</sup>

A configuração atual do povo palestino apresenta múltiplos territórios e múltiplas territorialidades, concretas e simbólicas, que se entrelaçam, se sobrepõem, convivem e conflitam, num jogo imbricado de relações, que ocorrem em diferentes escalas geográficas e temporais. Nessa complexa articulação entre múltiplos territórios, Brasil e Palestina, há o predomínio de territórios-rede em relação aos territórios-zona, contínuos e estáveis. Os territórios em rede, descontínuos, móveis e espacialmente fragmentados, possibilitam a passagem de um território a outro com facilidade, produzindo a multiterritorialidade.

O que entendemos por multiterritorialidade é, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou pós-moderna, da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam de desterritorialização.

<sup>20</sup> HAESBAERTH, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: Editora UFF, 1997; *Id. O mito da desterritorialização*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004; *Id. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural*. In: SERPA, Angelo. (Org). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 393-419.

<sup>21</sup> *Id. Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste. Op. Cit., |p. 44.*

Ela é consequência direta da predominância, especialmente no âmbito do chamado capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, das relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais territórios-zona, que marcaram aquilo que podemos denominar de modernidade clássica territorial-estatal. O que não quer dizer, em hipótese alguma, que essas formas mais antigas de território não continuem presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial.<sup>22</sup>

Multiterritorialidade significa articulação entre vários territórios ao mesmo tempo e a passagem de um para o outro com facilidade e de acordo com os interesses dos grupos e do indivíduo. Relações de poder distintas, do poder mais material, das relações econômicas e políticas ao poder simbólico, das relações culturais que se apropriam do espaço e constroem identidades territoriais, como ocorreu com os palestinos que vieram para o país.<sup>23</sup>

Os processos de territorialização tornaram-se mais complexos e diversificados. Territorializações das mais fechadas e tradicionais, até as mais flexíveis e globais se articulam e permitem a fluidez dos indivíduos e grupos sociais pelos territórios, como foi e ainda é o caso dos palestinos, que consideram Corumbá seu território, mas também consideram a Palestina como lugar de pertença, ou seja, para eles, o sentimento é de pertencer a multiplicidade de territórios.

A multiplicidade de territorializações atuais são: territorializações mais fechadas, ligadas ao territorialismo que não permite a pluralidade de poderes e identidades, como ocorre com algumas sociedades indígenas; e territorializações tradicionais pautadas na lógica da exclusividade e da homogeneidade interna, social e cultural, como alguns Estados-nações que buscam diluir a pluralidade pela intervenção de uma identidade nacional comum; territorializações mais flexíveis, que admitem sobreposições e multifuncionalidade territorial, como os territórios econômicos de circuito inferior; territorializações efetivamente múltiplas, resultantes da sobreposição e combinação funcional e simbólica, fragmentada, que possibilita a fluidez das relações sociais e individuais e, portanto, territoriais, como os múltiplos territórios dos grupos mais globalizados.<sup>24</sup>

À multiplicidade justaposta (e muitas vezes hierárquica) visível até o terceiro desse conjunto de territorializações, devemos acrescentar a efetiva

---

<sup>22</sup> HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural. In: SERPA, Angelo. (Org). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Op. cit., |p. 338.

<sup>23</sup> Id. *O mito da desterritorialização*. Op. cit.

<sup>24</sup> HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural. In SERPA, Angelo. (Org). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Op. cit.

multiterritorialização, visível no último tipo, resultante não apenas da sobreposição ou da imbricação entre múltiplos tipos territoriais (o que inclui território-zona e território-rede), mas também de sua experiência / reconstrução de forma singular pelo indivíduo, grupo social ou instituição. A esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não hierárquicas, é que damos o nome de multiterritorialidade.<sup>25</sup>

A multiterritorialidade palestina em Corumbá envolve esses diversos tipos de territórios, considerando a reconstrução de suas vidas em sociedade, em locais distintos, mas que se conectam pelas características peculiares de pertencimento, sem que haja uma hierarquia, onde as experiências de vida são, ao mesmo tempo, próprias e de todos.

O espaço geográfico é híbrido, pois absorve a integralidade entre natureza e cultura, entre a dimensão material e imaterial da vida. Essa multidimensionalidade envolve organizações territoriais simples e complexas, com sobreposição de territórios e de escala geográfica.<sup>26</sup>

As multiterritorialidades podem ocorrer dentro do mesmo padrão de poder, como o poder estatal, por exemplo, que envolve estados e municípios no ordenamento territorial, até multiterritorialidades que conjugam territórios contínuos e descontínuos, microterritórios e macroterritórios, funcionais e simbólicos em suas diferentes dimensões e complexidade e que possibilitam fluidez, envolvendo cultura e identidade dos povos que o habitam.<sup>27</sup>

Para os palestinos que migraram para o Brasil, primeiramente sozinhos e depois trazendo seus familiares, constituindo-se como comunidade, construíram-se relações sociais, materiais e econômicas que lhes permitiram apropriar-se de uma identidade multiterritorial, visto haver uma articulação entre vários territórios simbólicos, uma combinação entre território onde habitam e o território local, fazendo com que houvesse uma combinação funcional entre nações, entre árabes, brasileiros e povos de outros territórios fronteiriços.

No mesmo território há, então, diversos espaços de poder simbólico, sendo cada etnia um território que se entrelaça, se multiplica e se sobrepõe em harmonia, devido às relações sociais, econômicas e culturais que, ao mesmo tempo que se mantém na sua forma original, se articula, conforme interesses das comunidades existentes, como ocorreu com os palestinos que vieram para Corumbá, região de fronteira com outros países e municípios.

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, |p. 343.

<sup>26</sup> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

<sup>27</sup> HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural. In SERPA, Angelo. (Org). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Op. cit

O entrevistado nº 7, filho de sírio e historiador em Corumbá, ao ser perguntado sobre os pioneiros palestinos que chegaram à cidade disse:

Por volta de 1908-1909, chegaram várias famílias árabes, entre elas, veio da Palestina a família Urt, em 1913. Esses imigrantes árabes vieram de navio diretamente para o porto de Corumbá-MS. Em geral, deixaram sua terra natal por motivação religiosa e política, visto que essas famílias árabes não muçulmanas sofriam no seu país de origem perseguição do Império turco-Otomano.

Consideravam Corumbá uma região promissora por possuir o terceiro maior porto da América Latina até 1930, tendo suas atividades vinculadas à exportação e importação, bem como ao comércio local. Por causa disso, os árabes escolheram Corumbá como um novo lar, como uma nova oportunidade de vida.

Vislumbravam ali o próprio desenvolvimento e o da região (Figura 1). Essas atividades dos palestinos possibilitaram o desenvolvimento regional, visto que, de acordo com Dawkins (2003), o desenvolvimento regional tem a ver com a geografia do bem-estar e sua evolução, desempenhando um papel central em disciplinas como geografia econômica, economia regional, ciência regional e teoria do crescimento econômico.



**Figura 1:** Documento de registro do primeiro palestino que chegou a Corumbá.<sup>28</sup>

O conceito não é de natureza estática, mas refere-se às dinâmicas espaço-temporais complexas de regiões ou um conjunto interdependente de regiões. Nesse sentido, houve e ainda há evolução do bem-estar geográfico para os palestinos, que chegaram a Corumbá em busca de seu próprio desenvolvimento social e econômico, contribuindo também para o desenvolvimento da região (Figura 2).

<sup>28</sup> Cedido do Arquivo pessoal da Família Urt, Corumbá, MS, 2021.

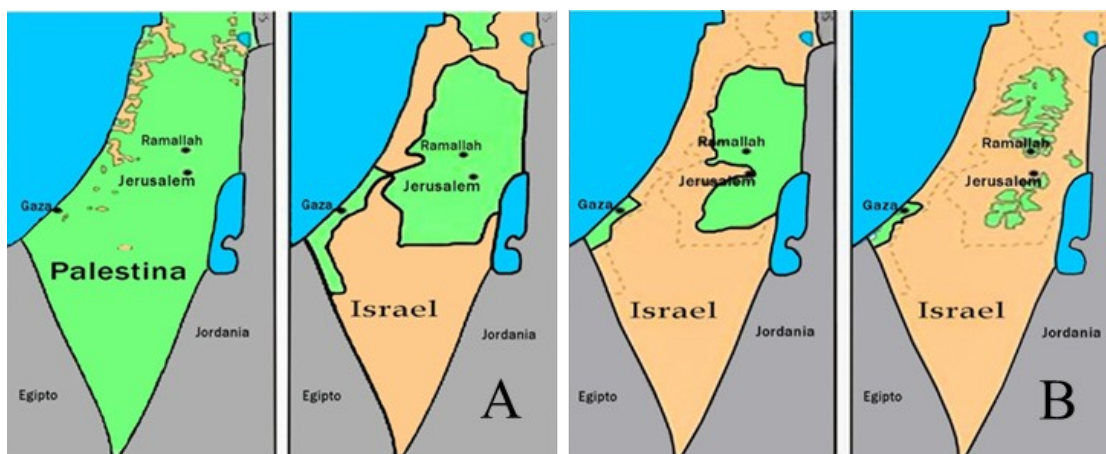


A segunda migração palestina, iniciada em 1948, foi resultado da Nakba<sup>29</sup>, que modificou as condições socioeconômicas desse povo, alterando sua realidade e forçando muitos jovens palestinos a buscar meios de subsistência no exterior e encontrar empregos, quando a juventude palestina chegou ao continente latino-americano, sendo um dos destinos Corumbá.<sup>30</sup>



**Figura 2:** Família Urt: 100 anos de sua chegada a Corumbá (1913-2013).<sup>31</sup>

O movimento sionista<sup>32</sup> declarou a instalação do "Estado de Israel" na noite de 14 de maio de 1948 e, ao final de seu plano de limpeza étnica, ocupou cerca de 78% do território palestino, conforme pode ser observado na figura 3.



<sup>29</sup> Uma palavra árabe (النكبة) que significa "catástrofe" ou "desastre" e designa o êxodo palestino de 1948. (BBC News, 2009).

<sup>30</sup> TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. *História Unisinos*. Op. cit.; The Palestinian Information Center. لبرازيل... 3 هجرات تشكل خريطة الوجود الفلسطيني قسم الدراسات. Ramallah, 2022. Disponível em: <<https://www.palinfo.com/195856>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

<sup>31</sup> CHAVES, Mauro. 100 anos da chegada da família Urt. *Correio de Corumbá*, Corumbá, MS, 23 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.correiodecorumba.com.br/index.php?s=artigo&id=326>>. Acesso em: 6 mar. 2022.

<sup>32</sup> Movimento político que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado nacional judaico independente e soberano na Palestina.

**Figura 3.** A ocupação territorial da Palestina por Israel: antes de 1946 (A) até os dias atuais (B).<sup>33</sup>

Até a década de 1950, os rios Paraguai, Paraná e Prata eram os únicos meios de integração de Corumbá com os demais países da América Latina. Por isso, a cidade dependia da hidrovia e conseqüentemente as embarcações (navios, lanchas, barcaças, canoas) eram o meio de transporte dominante.<sup>34</sup> Aliada à hidrovia, Corumbá, por ser uma cidade de fronteira aberta, permitia facilmente o descaminho de mercadorias e de pessoas.

Naquela década (1950), de acordo com o relato do entrevistado nº 4 (Figura 4):

Cheguei de navio até o porto de Santos, de trem até o destino, Corumbá, um grupo de jovens palestinos, entre outros, Abdel Haq, Khamis e seu irmão, Muhammad Omar, Said Abdel Aziz Adi, Abu Bassem, os irmãos Akel, Muhammad Said e Kablan.

A terceira migração palestina começou após outra ocupação de Israel em 1967. Como resultado da preocupação dos expatriados por suas famílias na terra despatriada, muitos deles foram forçados a convidar seus familiares, principalmente irmãos, na expectativa de quaisquer efeitos negativos que a nova ocupação militar israelense resultou.<sup>35</sup>

0010409  
REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO  
MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso SAID ABDEL AZIZ ADI  
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE  
Nos termos do art. 92 letra -- do dec. n. 7967, de 1943  
Lugar e data de nascimento Kufr Malek em 1916  
Nacionalidade Jordania Estado civil Casado  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Abdel Aziz e Fatma Adi  
Residência no país de origem Kufr Malek Profissão Agricultor

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 74993 expedido pelas autoridades de Minist. do Interior da Jordania na data em 11/11/53 visado sob n. 717

ASSINATURA DO PORTADOR: [Assinatura]

SELO CONSUL  
Comandante Legação do Brasil em Damasco  
8 de novembro de 1955  
O CONSULADO  
LUIZ SOUTO MAIOR  
SECRETÁRIO DE LEGAÇÃO

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

**Figura 4:** Documento de comprovação de chegada ao Brasil do pai do entrevistado nº 4.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> IBRASPAL. Instituto Brasil–Palestina. *A luta do povo palestino é para libertar toda a sua pátria e construir um estado único, do Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo*. São Paulo, SP, 12 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://ibraspal.org/pt/post/a-luta-do-povo-palestino-e-para-libertar-toda-a-sua-patria-e-construir-um-estado-unico-do-rio-jordao-ao-mar-mediterraneo>>. Acesso em: 5 out. 2021.

<sup>34</sup> UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; MOHAMMED, Yasmin. A integração regional e integralização dos imigrantes palestinos e refugiados sírios: aportes e comparação entre os casos do MERCOSUL (Brasil) e Liga Árabe (Jordânia). *OIKOS Revista de Economia Política Internacional*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 17-36, 2016.

<sup>35</sup> JARDIM, Denise Fagundes. Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras. *Cadernos Pagu*, 29, 193-225, 2007.

<sup>36</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal da Família Aziz Adi, Corumbá, MS, 2021.

Essa migração pode ser chamada de migração da reunificação, pois muitas famílias se juntaram aos expatriados para se tornarem toda a família na diáspora. Após 1967, iniciou-se em Corumbá a vinda dos familiares dos pioneiros palestinos por meio de transporte aéreo. A grande maioria ingressou pela fronteira com a Bolívia, em razão da falta de documento legal de migração. Posteriormente, adquiriram a cidadania brasileira.

Uma das consequências diretas da ocupação de 1948 foi o deslocamento violento de cerca de 2/3 do povo palestino (cerca de 800.000 dos 1.390.000) das terras ocupadas por judeus sionistas. Outros 30.000 palestinos foram deslocados para áreas do interior ocupado. Os sionistas cometeram 34 massacres durante a *Nakba*<sup>37</sup> de 1948 e o mais conhecido foi o massacre de Deir Yassin, em 9 de abril daquele ano, no qual confessaram ter matado 254 homens, mulheres e crianças.<sup>38</sup>

Entre 1948 e 1967 vários conflitos se disseminaram pelo território em reação ao regime imposto por Israel. O desfecho foi o andamento do plano de Israel de expansão colonial, resultando na vitória israelense sobre as tropas do Egito, Síria e Jordânia. Com a vitória, Israel anexou a seu território a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, a Cidade Velha de Jerusalém e as Colinas de Golã. Em seis dias, a ocupação israelense saltou de 20.720 km<sup>2</sup> para 73.635 km<sup>2</sup>. Com apoio da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), o objetivo da luta dos palestinos foi restaurar os territórios ocupados em 1948 e em 1967, estes últimos somando 22% do território palestino.<sup>39</sup>

Os massacres nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, em 1982, no Líbano, podem ser definidos como revisitas ao massacre de Deir Yassin, pois tiveram as mesmas características cruéis e de limpeza étnica, executadas durante e a partir da *Nakba* palestina. O massacre deixou cerca de 4.000 mortos. A Intifada, em 1987, teve como consequências o martírio de 1.540 palestinos, cerca de 130.000 feridos, a prisão de 116.000 deles e, ainda, a demolição de muitas casas e destruição de toda a infraestrutura econômica nas cidades palestinas.<sup>40</sup> É nesse contexto que é possível compreender a formação da colônia palestina no âmbito do município de Corumbá.

---

<sup>37</sup> Uma palavra árabe (النكبة) que significa "catástrofe" ou "desastre" e designa o êxodo palestino de 1948.

<sup>38</sup> AHMAD, Nassr Saleh Mohamad; MOUSA, Fathi Ramadan. Corporate environmental disclosure in Libya: a little improvement. *World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, Bingley, v. 6; n. 1/2, p. 149-159, 2011.

<sup>39</sup> PINTO, Tales dos Santos. Guerra dos Seis Dias e a expansão de Israel. *Portal UOL*, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerras-seis-dias.htm>. Acesso em: 4 de jan. 2022.

<sup>40</sup> AHMAD, Nassr Saleh Mohamad; MOUSA, Fathi Ramadan. Corporate environmental disclosure in Libya: a little improvement. *World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, Op. Cit.

Corumbá localiza-se no Pantanal Sul-mato-grossense, próxima da fronteira com a Bolívia, à margem direita do rio Paraguai. O município é, também, ponto de parada da ligação ferroviária entre o Brasil e a Bolívia. É a última cidade brasileira antes do território boliviano. Localiza-se na latitude 19°00'33" Sul e na longitude 57°39'12" Oeste. A população estimada de Corumbá é de 110.806 habitantes, com área de 64.721.719km<sup>2</sup>.<sup>41</sup> Corumbá é o 11º maior município brasileiro, o maior em extensão territorial de Mato Grosso do Sul e o mais populoso centro urbano fronteiriço do Norte e Centro-Oeste do Brasil (Corumbá, 2021a).<sup>42</sup>

A chegada dos primeiros palestinos a Corumbá ocorreu após a criação do Estado de Israel em 1948. Conforme relatos dos palestinos residentes, a maioria era proveniente da Cisjordânia. Mais de 90% dos imigrantes eram originários de Kafr Malik, com elevado grau de parentesco entre eles. Kafr Malik é uma vila de aproximadamente 4 mil habitantes, pertencente à província de Ramallah e Al-Bireh. Localiza-se a 17km a nordeste de Ramallah. O Estado de Israel controlava o território.

Ratzel tinha preocupação com o papel desempenhado pelo Estado israelense no controle do território. Para esse cientista, era impossível conceber o Estado sem seu território e suas fronteiras<sup>43</sup>. Quando necessário, há expansão da fronteira em busca do que o autor denominou de espaço vital, espaço enquanto recurso, capaz de sustentar a população de um país. É o domínio do Estado que dá unidade ao território. O aprimoramento do conceito de território em Corumbá envolveu a população palestina que formou sua colônia no município, território no qual desenvolveram seu capital, seu grupo social, relações de domínio e apropriação de identidade, com poder simbólico.

Território é um conceito gerado por indivíduos organizando o espaço segundo seus próprios objetivos.<sup>44</sup>

É necessário definir território como uma porção do espaço geográfico, ou seja, espaço concreto e acessível às atividades humanas. Como tal, o espaço geográfico é contínuo, porém repartido, limitado, ainda que em expansão, diversificado e organizado. O território é fruto de repartição e de organização. Tal como todas as unidades do espaço geográfico, ele deve ser,

<sup>41</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Brasil 500 anos de povoamento: território brasileiro e povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento.html>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

<sup>42</sup> CORUMBÁ. Prefeitura de Corumbá, MS. *Comunidade árabe celebra dois anos da Praça da Palestina, no Centro de Corumbá*. Corumbá, 2021. Disponível em: <<https://www.corumba.ms.gov.br/2021/09/comunidade-arabe-celebra-dois-anos-da-praca-da-palestina-no-centro-de-corumba/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

<sup>43</sup> ARAÚJO, Ana Paula Correia de. *Raízes geográficas*. Campo Grande: UCDB, 2006.

<sup>44</sup> GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. *Boletim campineiro de geografia*, Campinas, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.

em teoria, limitado, embora seu formato possa ser modificado por expansão, encolhimento ou subdivisão. Basicamente, ele deve ser acessível; a acessibilidade, pretendida pelo homem e amplamente controlada por ele, é umas das razões essenciais para a intervenção política regular, de algumas formas restringir e de outras melhorar a capacidade de acesso por várias categorias de pessoas.<sup>45</sup>

Com o tempo, a população da colônia palestina em Corumbá foi aumentando, pois nela já habitavam patrícios conhecidos, imigrantes da primeira leva. Desde a chegada dos primeiros palestinos a Corumbá, suas trajetórias foram marcadas por dificuldades. Hoje sentem-se vencedores. O entrevistado nº 1 afirmou: “... Cheguei a essa terra com 25 dólares no bolso, não sabia falar, nem ler nem escrever a língua portuguesa, mas graças a Allah tenho muitos bens e dinheiro, e meus filhos estudaram nas melhores faculdades e estão bem ...” (Entrevista realizada em 2021).

Os territórios são espaços de poder e controle de um grupo sobre outros e sobre o meio circundante.<sup>46</sup> O território se forma a partir do espaço geográfico, como resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer escala. Pressupõe um espaço onde se projetou um trabalho e no qual revela relações marcadas pelo poder.<sup>47</sup> “O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”.<sup>48</sup>

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.<sup>49</sup>

Entende-se o território como “...um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder...”.<sup>50</sup> Para esse autor, os territórios existem e são construídos por diferentes atores sociais, econômicos e políticos, em diferentes escalas geográficas e temporais, como foi o caso dos palestinos que contribuíram com o desenvolvimento da cidade de Corumbá, enquanto sociedade, economia e política, trabalhando como mascates,

---

<sup>45</sup> *Ibid.*, |p. 525.

<sup>46</sup> LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Ordem Local como força interna de desenvolvimento. *Interações*, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 13-20, 2000.

<sup>47</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática Editora, 1993.

<sup>48</sup> *Ibid.*, |p. 144.

<sup>49</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *C. A questão do território no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2. ed. 2004.

<sup>50</sup> SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77–116. |p. 78.

nas feiras, dia e noite, procurando instaurar para eles e os familiares uma vida melhor do que aquela vivida sob ocupação em sua terra natal, desde a criação do Estado de Israel. Juntaram-se a outras famílias árabes, em especial de origens síria e libanesa, que chegaram muito antes, ainda por força do comércio fluvial que já definhava.

Em relação aos palestinos, os territórios, como espaços controlados por grupos, são sobrepostos e indicam que não há exclusividade de poder, visto que se instalaram na cidade e construíram relações entre os grupos sociais que já existiam na localidade. Um grupo pode controlar um território na escala local ou diferentes territórios mantendo-os interligados por redes que transportam regras e normas utilitárias, parciais, do ponto de vista dos atores hegemônicos.<sup>51</sup>

São construídos por relações de dominação, material e funcional, e pela dimensão do poder simbólico, ou seja, de apropriação por identidade<sup>52</sup>, e apropriação de dominação.<sup>53</sup> A apropriação no sentido de posse, de propriedade, portanto com um caráter mais simbólico, com as marcas do “vivido”, do valor de uso.

A dominação possui uma conotação vinculada ao valor de troca. Os palestinos investiram e lutaram para marcar sua presença no local, por meio do seu trabalho e, mais tarde, com a posse de propriedades, trocando suas mercadorias por dinheiro, ao mesmo tempo que abasteciam a localidade e as populações ribeirinhas com produtos que não existiam na cidade.

Em entrevistas, os palestinos mais idosos revelaram que, em sua terra natal, trabalhavam no plantio de azeitonas, legumes e folhas; criavam cabras, carneiros e galinhas. Foi o que afirmou o entrevistado nº 2: “Na Palestina, trabalhava na lavoura, plantando grãos de trigo, cebola e azeitona” (Entrevista realizada em 2021).

Mesmo com a decadência das casas comerciais dos portos de Corumbá, após a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil a Porto Esperança, em 1914, a cidade não perdeu sua importância econômica na região. Em seguida, adaptou-se para desenvolver o setor financeiro, através dos bancos, e o setor de comércio de varejo, com a abertura de lojas no centro da cidade. Além disso, o setor de mineração também se expandiu.

O desenvolvimento é um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam, para as quais devem ser removidas as fontes de privação como a fome, pobreza, carência de oportunidades econômicas e sociais, falta de acesso aos serviços públicos,

---

<sup>51</sup> *Ibid.*; SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Op. Cit.

<sup>52</sup> HAESBAERTH, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, p. 169-190, 1999.

<sup>53</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 5. ed., 2009.

intolerância e interferência ao desenvolvimento. A liberdade de acesso ao mercado, em termos econômicos, tem como principal base a liberdade que pessoas e/ou empresas possuem de se estabelecer e desenvolver suas atividades, contribuindo com o crescimento.<sup>54</sup>

Todos os entrevistados foram unânimes em reconhecer que o trabalho como mascates, realizado de porta em porta, foi a primeira ocupação que exerceram. É expressivo o depoimento do entrevistado nº 9.

Cheguei aqui, em Corumbá, com 20 dólares no bolso em 1955 de navio, trabalhei de mascate, sem saber falar o idioma, no início pegava as malas com roupas e saía andando nos bairros, de porta a porta, no sol do verão, na chuva, no frio. Com o tempo, consegui comprar uma bicicleta que me ajudou bastante. Não foi fácil, mas graças a Allah consegui montar a minha loja e ganhar muito dinheiro, principalmente, nas décadas de 1970, 1980 e início de 1990, exportando mercadorias, roupas e calçados, para Bolívia. (Entrevista realizada em 2021).

A chegada dos árabes em geral e dos palestinos, em especial, absorveu um clima suscitado pela antiga grandeza econômica de Corumbá, em decorrência da importância que a navegação fluvial assumiu na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. Esse passado de grandeza era tratado com nostalgia e regionalismo. Celebrado como algo espetacular nas conversas informais com comerciantes, políticos e prestadores de serviços. Alguns orgulhosamente alardeavam que o município tivera o maior parque industrial do Centro-Oeste.

A história da humanidade tem apresentado um interessante padrão geográfico, onde a acessibilidade, por exemplo, margens de rios, áreas costeiras e condições físico-geográficas favoráveis, como Corumbá apresenta, foram fatores decisivos para o povoamento e criaram as bases para aglomerações.<sup>55</sup> O desenvolvimento regional parece estar condicionado à existência de grandes polos de atração econômica, assim, a localização da atividade econômica criou as bases para o bem-estar regional em Corumbá.

A teoria da localização já tem uma longa história na economia regional e na geografia econômica. A moderna teoria da localização parte da economia regional e a geografia econômica. Os princípios de minimização de custos e maximização de lucros estão integrados em um cenário econômico sólido, no qual podem ser encontrados estudos de equilíbrio espacial parcial e geral sobre a economia do espaço que destacam os padrões

<sup>54</sup> SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>55</sup> DUNFORD, M. Regional development models. *International encyclopedia of human geography*, Amsterdam, v. 9, p. 192-201, 2009.

geográficos de comportamento industrial e residencial.<sup>56</sup> Além disso, a teoria também é capaz de encapsular o impacto dos atores públicos, por exemplo, política de desenvolvimento regional. Assim, os fundamentos da teoria clássica da localização são compostos de uma mistura de geografia física, determinando a acessibilidade de um local e a disponibilidade de recursos, e comportamento econômico inteligente, por meio de uma combinação inteligente de fatores de produção e potenciais de mercado no espaço. No entanto, os padrões de localização nunca são estáticos, mas têm um impacto endógeno nos recém-chegados. Assim, as empresas estabelecidas podem atrair pessoas e outras empresas por meio de vantagens de escala, localização e urbanização.

A entrevistada nº 1 chegou a Corumbá em 30 de março de 1968 com sua filha. O seu marido já residia em Corumbá desde 1960. Chegara de navio, após uma viagem com duração de 40 dias. O marido da entrevistada buscava oportunidade de melhorar as condições econômicas da família e escolheu essa cidade por causa do irmão dele que já vivia no local. Durante a entrevista, a filha interferiu e relatou uma história acontecida com seu pai quando exercia a atividade de mascate.

Um dia meu pai entrou na casa de uma cliente e a dona perguntou: - Senhor, você vende a prazo? Ele disse: - Não. Ela voltou e perguntou: - Então, somente a vista? Ele respondeu: - Não. Aí a dona falou: - Então como o senhor vende? Isso aconteceu porque ele não sabia falar português, então ele preferia falar somente não do que fazer algum compromisso, sem saber o significado das perguntas.

Por mais de uma década, o pai da Entrevistada nº 1 trabalhou como mascate. Sua primeira loja física foi implantada cinco anos depois da chegada da sua esposa. Ao perguntar à entrevistada como era a cidade e o comércio naquela época, novamente interferiu e assegurou que a maioria dos comerciantes era palestina. Vendiam tecidos, roupas e calçados, enquanto os brasileiros comercializavam alimentos. Era muito raro encontrar um corumbaense vendendo roupas e calçados.

O direito às transações econômicas é um fator que promove o desenvolvimento, elevando as rendas privadas e possibilitando ao Estado financiar a seguridade social e a intervenção governamental ativa, dessa forma, a contribuição do crescimento econômico deve ser julgada não só pelo aumento das rendas provadas, mas também pela expansão de serviços sociais que o crescimento econômico pode possibilitar. O objetivo do

---

<sup>56</sup> NEARY, Peter. Of hype and hyperbolas: introducing the new economic geography. *Journal of economic Literature*, New York, v. 39, n. 2, p. 536-561, 2001.



desenvolvimento se relaciona com a avaliação das liberdades reais desfrutadas pelas pessoas.<sup>57</sup>

As capacidades individuais dependem, crucialmente, das disposições econômicas, sociais e políticas, cujos papéis estão interligados como as facilidades econômicas, as liberdades políticas, oportunidades sociais, transparência nas relações e seguridade. As liberdades são múltiplas e inter-relacionadas. Os fins e os meios do desenvolvimento exigem que a liberdade esteja no centro do palco e, nessa perspectiva, as pessoas precisam estar envolvidas e serem livres para escolher e trilhar seu próprio caminho, tendo o suporte necessário para alcançarem seus objetivos.

O Estado e a sociedade têm papéis amplos no fortalecimento e na proteção das capacidades humanas, são papéis de sustentação. O indivíduo precisa ter a liberdade de construir seu desenvolvimento, da melhor maneira possível e estar amparado pelo Estado e pela sociedade para isso. Cada um tem uma capacidade que precisa ser aproveitada e desenvolvida, exercida social e economicamente, e deve ser usada para seu progresso e de sua família, o que contribui com o crescimento econômico da região onde vivem.

O entrevistado nº 3 chegou ao Brasil com a mãe em 1965. Intentavam morar com o pai, que chegou em 1955. Ambos vieram de navio. Ao falar sobre as dificuldades que enfrentou após a sua chegada, disse:

Cheguei com 16 anos, era o único da comunidade palestina com essa idade. Todos eram bem mais velhos. Não me acostumei com isso e pedi ao meu pai para voltar para Palestina. Ele aceitou, mas minha mãe não. Fora disso, tive dificuldades na comunicação por causa do idioma, a cultura totalmente diferente, mas com tudo isso consegui vencer.

A primeira loja comercial do pai foi fundada em Ladário, município localizado em Mato Grosso do Sul, vizinho de Corumbá - MS, em 1961. O entrevistado nº 3 comprou uma lancha e começou a vender alimentos, material de limpeza, roupas e calçados para ribeirinhos e nas fazendas. Em 1967, vendeu a lancha e comprou um imóvel no centro da cidade, abrindo sua loja, onde se encontra estabelecido até o presente.

Desde a vinda do entrevistado nº 3 ao Brasil, o mesmo retornou uma única vez à Palestina, em 1981. Ao ser perguntado sobre o motivo de não voltar à Palestina definitivamente, informou:

Nós não temos direito em morar na Palestina porque perdemos a cidadania Palestina ao sair de lá. Naquela época, Israel já dominava o território palestino e quem saía teria que voltar no prazo de 1 (um ano) para não

<sup>57</sup> SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. Op. cit.

perder o direito de morar e os outros direitos de cidadão. Se eu voltar, serei tratado como um estrangeiro, preciso de visto.

O entrevistado nº 3 casou-se com uma prima. Teve quatro filhos: dois são dentistas, uma é arquiteta e o outro é engenheiro. Sobre o seu juízo referente à colônia palestina em Corumbá, disse que ela fez muito pela cidade, principalmente nos setores econômico e cultural. Acrescentou que, atualmente, os palestinos asseguram a principal fonte de arrecadação para o município, devido ao pagamento do IPTU (Tabela 1), que aumentou até o ano de 2020, diminuindo em 2021, e o ISSQN, que variou entre os anos de 2017 a 2021.

**Tabela 1:** IPTU e ISSQN pagos pelos palestinos em Corumbá, MS, 2017 a 2021<sup>58</sup>

Tributos	IPTU (R\$)	ISSQN (R\$)
2017	625.920,00	2.950.548,00
2018	636.000,00	2.136.000,00
2019	865.268,90	2.246.897,30
2020	946.231,00	2.346.000,00
2021	910.548,60	2.215.480,60

Possuem muitos imóveis residenciais e comerciais, além disso, empregam grande quantidade de pessoas em suas residências, em seus estabelecimentos comerciais e em suas propriedades rurais. Comentou ainda que a Associação Palestina – Brasil promoveu muitos eventos e participou em atividades sociais e culturais na cidade, principalmente nas décadas de 1960 a 1990.

A liberdade é o meio e o fim do desenvolvimento. É preciso se considerar a liberdade individual como compromisso social, porquanto o indivíduo precisa ser livre para se desenvolver, não podendo ter empecilhos que não o deixem alcançar os meios para o seu desenvolvimento em todos os âmbitos, seja social, econômico e/ou político, cujas esferas estão interligadas e são interdependentes.<sup>59</sup> Nesse sentido, ser livre para se desenvolver significa não ser discriminado, impedido por causa de sua etnia, cor, situação social e ou financeira, religião ou sexo. A liberdade pressupõe o direito ao desenvolvimento para alcançar uma vida com boa qualidade, ou seja, com acesso à educação, à saúde, à moradia e a todos os direitos fundamentais. E foi então que os palestinos migraram para o Brasil, conforme afirma o entrevistado nº 4.

O entrevistado nº 4 nasceu em 18 de agosto de 1948 e chegou ao Brasil em 21 de setembro de 1968 de avião. Seu pai chegara em 1955, vindo de navio. Os motivos de sua imigração foram ajudar o pai e fugir da pobreza. As principais dificuldades que enfrentou

<sup>58</sup> Dados obtidos *in loco* junto a Secretaria de Fazenda da Prefeitura Municipal de Corumbá, MS (2022).

<sup>59</sup> SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. *Op. cit.*

foram o idioma e a adaptação à nova cultura. Retornava para a Palestina a cada dois anos para visitar o filho e os netos. Sua permanência na terra de origem durava em média dois meses. O filho dele foi criança para a Palestina, tendo sido criado pelos avós. O motivo de não mais residir na Palestina foi o mesmo do entrevistado nº 3, ou seja, perdeu os direitos de nacionalidade e cidadania, passando a ser tratado como estrangeiro.

O seu pai trabalhou de mascate, antes de inaugurar a loja física em fevereiro de 1968. É a Casa Mundial (Figura 6), loja de roupas e calçados, que o entrevistado nº 4 administra até o presente. Além da loja, ele possui imóveis para locação. Casou-se com uma prima e teve quatro filhos. Um mora na Palestina, os demais no Brasil, dois são professores, outro é militar, e a caçula está terminando doutorado na Universidade de São Paulo (USP), tendo se tornado grande defensora da causa palestina.

**Figura 6:** Casa Mundial, loja comercial cinquentenária em Corumbá.<sup>60</sup>



As

facilidades

econômicas são as oportunidades para usar esses recursos com propósito de troca, como no caso dos migrantes palestinos, o que depende das condições de troca, preços relativos e funcionamento dos mercados. À medida que o processo aumenta a renda e a riqueza de uma região, há reflexos na economia regional.<sup>61</sup>

Outra facilidade que permite a liberdade ao desenvolvimento é oportunizar o acesso à educação, saúde, moradia etc., que permitem ao indivíduo e sua família viver melhor, ter melhor condição de vida saudável. As interações sociais devem ser transparentes, garantindo às pessoas confiança no que lhes está sendo oferecido e a clareza entre relações, que influenciam na liberdade instrumental e têm papel inibidor de corrupção e irresponsabilidade financeira.

<sup>60</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado nº 4 (2021).

<sup>61</sup> SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. Op. cit.

Nas décadas de 1970 e 1980, a região central da cidade era dominada pelos palestinos. Segundo depoimentos, sentiam-se morando em casa, uma vez que por onde transitavam encontravam palestinos e árabes (Figura 7).



**Figura 7:** Loja Tentação em Corumbá, fundada em 2000.<sup>62</sup>

A comunicação entre eles se dava, predominantemente, na língua árabe. Inclusive os mais antigos colaboradores dos empresários palestinos chegaram a dominar inúmeros termos em árabe.

O entrevistado nº 10 nasceu em 1961, na Colômbia, e em 1963 foi morar na Palestina com sua mãe e seus irmãos. Possui ensino médio completo. Na Palestina trabalhou como pedreiro e na mineração até o ano de 1983. Decidiu emigrar para Corumbá para fugir da perseguição de Israel e para ter uma vida melhor. A escolha por Corumbá foi motivada pelo fato de seu irmão mais velho já residir no local desde 1982. Teve dificuldades com a língua e com os costumes, pois são muito diferentes dos de sua origem. Trabalhou com o irmão na feira até 1985, quando abriu a sua primeira loja de roupa e calçados. Teve bastante apoio e ajuda dos palestinos já residentes na cidade à época. Casou-se com uma jovem brasileira, filha de pai palestino. Tiveram três filhos, todos engenheiros. Um deles mora em Corumbá, os outros residem em São Paulo. Os dois homens namoram jovens brasileiras. A filha concluiu recentemente o curso de Direito. Em 2019, teve sua loja incendiada e, praticamente, perdeu todas as suas mercadorias. O valor total da perda foi estimado em mais de um milhão de reais. Após quase dois anos, ele conseguiu reinaugurar a sua loja no centro da cidade. Também possui casas e apartamentos para locação (Figura 8).

<sup>62</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado nº 10 (2021).



**Figura 8:** Casa Esperança em Corumbá, fundada em 1994.<sup>63</sup>

O direito às transações econômicas é um fator que promove o desenvolvimento, elevando as rendas privadas e possibilitando ao Estado financiar a seguridade social e a intervenção governamental ativa, dessa forma, a contribuição do crescimento econômico deve ser julgada não só pelo aumento das rendas provadas, mas também pela expansão de serviços sociais que o crescimento econômico pode possibilitar.<sup>64</sup> O objetivo do desenvolvimento se relaciona com a avaliação das liberdades reais desfrutadas pelas pessoas.

Os casos referidos no presente trabalho ajudam a explicar os resultados de tanto trabalho e esforço, para fundar estabelecimentos comerciais e adquirir imóveis, principalmente na área central de Corumbá. Nas décadas de 1970 até 1990, conforme a entrevistada nº 5 afirma, o centro da cidade era dominado pelos comerciantes palestinos (Figuras 9). A entrevistada nº 5 comentou: “Eram tantas lojas de patrícios que quem passava na frente só escutava a língua árabe, quase todas as funcionárias que trabalharam por muito tempo conosco aprenderam a falar árabe” (Entrevista realizada em 2021).

<sup>63</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado nº 10 (2021).

<sup>64</sup> SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. *Op. cit.*



**Figura 9:** Casa Jerusalém em Corumbá, fundada em 1993.<sup>65</sup>

Até meados da década de 1990, os palestinos exploraram, também, a venda direta de calçados e roupas aos bolivianos. Os próprios lojistas faziam as exportações. Essas indicações evidenciam o elevado grau de participação da colônia na economia do município.

Atualmente, os nomes dos imigrantes e suas trajetórias estão presentes na história de Corumbá. Tornaram-se nomes de escolas, de ruas, de estabelecimentos comerciais e de um cemitério.

Em estimativa, a comunidade palestina no Brasil possui cerca de 40 a 60 mil palestinos, distribuídos pelos Estados brasileiros, e existem cerca de 300 palestinos vivendo na cidade e participando de forma direta ou indireta no seu desenvolvimento social, econômico e cultural.<sup>66</sup>

No âmbito da economia, atualmente, os palestinos possuem 86 lojas no centro da cidade e cerca de 85% dos estabelecimentos são de sua propriedade, voltados ao pequeno comércio no centro da cidade. Pelo trabalho, os palestinos conseguiram adquirir, também, propriedades rurais, casas e apartamentos destinados à locação. Esse patrimônio expressa sua contribuição ao desenvolvimento econômico local.<sup>67</sup>

A colônia palestina, ainda, contribui na vida econômica da cidade, gerando vagas de trabalho para vendedores em suas lojas (Figura 10), para secretárias nos escritórios e clínicas, além de utilizar os serviços de jardineiros e piscineiros, dentre outros. Os palestinos “...geram diretamente, 129 postos de trabalho formais...”.<sup>68</sup>

<sup>65</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado n.º 5 (2021).

<sup>66</sup> The Palestinian Information Center. لبرازيل... 3 هجرات تشكل خريطة الوجود الفلسطيني في الدراسات. *Op. cit.*

<sup>67</sup> ROSA, Michelle; CASTELÃO, Raul Asseff. Os árabes em Corumbá: uma rede de cooperação. *Albuquerque: Revista de História*, Aquidauana, v. 6, n. 12, p. 70-86, 2014.

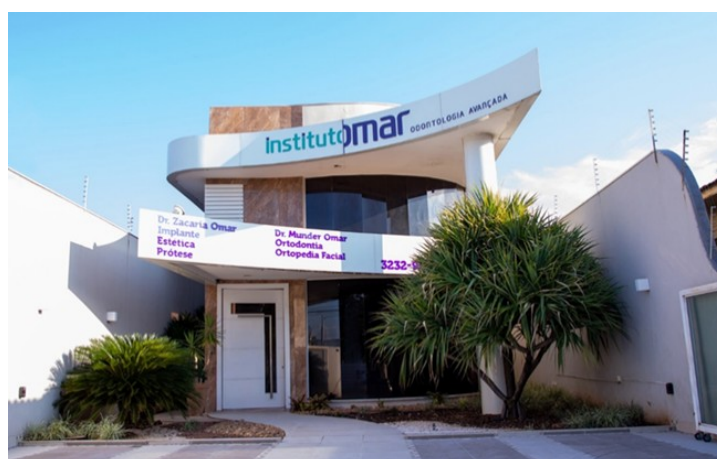
<sup>68</sup> ROSA, Michelle; CASTELÃO, Raul Asseff. Os árabes em Corumbá: uma rede de cooperação. *Albuquerque: Revista de História. Op. cit.*, p. 12.



**Figura 10:** Loja Kufer Malek em Corumbá, fundada em 2011.<sup>69</sup>

Um dos motivos para a procura do Brasil como destino dos refugiados sírios e imigrantes palestinos são as raízes familiares, visto que a estimativa mostra um número de três milhões de brasileiros com ascendência síria, libanesa e palestina, principalmente devido a uma onda de imigração que ocorreu no início do século XX.<sup>70</sup>

De acordo com o entrevistado nº 9, a maioria dos filhos dos palestinos não realiza as mesmas atividades dos seus pais. Em cada casa de pais palestinos há, pelo menos, um filho que estudou ou está estudando Medicina, Engenharia ou Direito. Alguns são professores universitários, outros abriram clínicas (Figura 11) e escritórios na cidade, contribuindo, também por esse meio, para a geração de novos empregos.<sup>71</sup>



<sup>69</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado nº 9 (2021).

<sup>70</sup> UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; MOHAMMED, Yasmin. A integração regional e integralização dos imigrantes palestinos e refugiados sírios: aportes e comparação entre os casos do MERCOSUL (Brasil) e Liga Árabe (Jordânia). *OIKOS Revista de Economia Política Internacional*. Op. cit. p. 28.

<sup>71</sup> ROSA, Michelle; CASTELÃO, Raul Asseff. Os árabes em Corumbá: uma rede de cooperação. *Albuquerque: Revista de História*. Op. cit.

**Figura 11:** Instituto Omar, compartilhado por especialistas palestinos.<sup>72</sup>

Conforme aponta o entrevistado nº 8, atualmente, os palestinos e seus descendentes estão abdicando, progressivamente, de suas antigas lojas de roupas e calçados, mudando o foco para outras atividades, e abrindo postos de combustíveis. Os palestinos se consideram um importante pilar na vida econômica da cidade. Há aqueles que, orgulhosamente, afirmam em conversas informais com comerciantes, políticos e prestadores de serviços que os árabes, em geral, e os palestinos, em especial, asseguram a sustentação econômica da cidade de Corumbá.

O pai da entrevistada nº 9 nasceu em Kafr Malik, em 1937. Seu nível de formação corresponde à terceira série do ensino fundamental. Chegou ao Brasil em 1955. Fugia da pobreza causada pelo domínio da Palestina pelo Estado de Israel. O seu pai criava cabritos e ele pastoreava esses animais em sua terra natal.

A escolha de seu destino deveu-se ao fato de, em 1951, pessoas de sua cidade terem migrado para Corumbá. À época, a cidade tinha um porto ainda ativo. Chegou de navio e sua viagem durou meses. Ao aportar na cidade teve as mesmas dificuldades de seus conterrâneos, tanto em relação ao idioma quanto às práticas culturais. Apoio só recebeu de seus patrícios palestinos.

Com o escasso capital que dispunha, começou a trabalhar de mascate nos bairros da cidade. Circulava a pé. Depois de algum tempo começou a trabalhar na feira. Casou-se em 1957 e continuou trabalhando no comércio. Vendia mercadorias nos bairros e em cidades vizinhas, como Ladário e Albuquerque.

Por volta de 1962 abriu sua primeira loja física no centro da cidade. A partir daí começou a progredir, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Foi quando abriu uma empresa exportadora para vender produtos diretamente para a Bolívia. Comprou vários terrenos e construiu pontos comerciais e um condomínio de apartamentos no centro da cidade, além de casas para locação.

Com sua esposa, voltou uma única vez à sua cidade natal na Palestina em 1987. Lá, chegou a comprar um terreno para construir uma casa. Queria dividir estadas de seis meses entre Corumbá e a Palestina, mas em 1994 faleceu de câncer, depois de uma longa luta pela vida. Deixou um filho, que se casou com uma brasileira. Hoje pai de dois filhos, este possui uma loja que comercializa gás e água na cidade. De suas quatro irmãs, uma se casou com brasileiro e tem três filhos casados com brasileiras e cinco netos. Outra continua solteira. Uma delas se casou com um palestino e, atualmente, são proprietários de uma loja

<sup>72</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado nº 8 (2021).



comercial no centro da cidade. Têm três filhos, todos engenheiros, que namoram jovens brasileiras, e uma filha que acabou de se formar em Direito e casou-se com um contador nascido em Corumbá, criado na Palestina.

Conforme dados colhidos nas entrevistas, em relação à movimentação imobiliária, os palestinos possuem imóveis residenciais destinados à locação. Um exemplo é o Condomínio Abdel H. M. Mustafá & Maura de Almeida Mustafá (Figura 12), situado no centro da cidade e dotado de 30 apartamentos. Os palestinos dispõem, também, de muitos outros prédios na região central da cidade, destinados, inclusive, às atividades comerciais, tanto de palestinos quanto de brasileiros e bolivianos. São exemplos as Lojas Oxigênio, Gazin e Magazine Luiza. Duzentos e um imóveis estão registrados no Cartório de Imóveis da cidade de Corumbá em nome dos palestinos, comprovando que contribuem com o desenvolvimento regional.

Afirma o entrevistado nº 10:

A maior contribuição foi e ainda é econômica, o setor comercial da cidade é dominado pela colônia palestina, a colônia palestina fez e continua fazendo parte da história de Corumbá e na parte social, por meio de se integrar à sociedade brasileira.

Conforme afirmou o entrevistado nº 9, embora não tenha desenvolvido iniciativa independente na área ambiental, procura ter responsabilidade para com o ambiente, participando, por exemplo, do projeto relacionado ao lixo reciclável. O entrevistado afirmou que separa papelão, caixas de sapatos e sacolas para entregar ao caminhão da Prefeitura municipal, que faz a coleta duas vezes por semana. Também ressaltou que procura economizar água e energia. Além disso, participam ativamente na área social. O entrevistado nº 9 realiza doações de alimentos em benefício dos mais necessitados, junto com outros palestinos e seus descendentes.



**Figura 12:** Condomínio Abdel H. M. Mustafá & Maura de Almeida Mustafá.<sup>73</sup>

Conforme reportagem veiculada na página da Prefeitura de Corumbá, em reconhecimento pelas atividades exercidas em benefício da cidade, a administração municipal homenageou, em 2019, a colônia palestina. Uma praça central foi designada oficialmente como Praça Palestina (Figura 13), que se localiza na Avenida General Rondon. A praça foi, de acordo com o prefeito da cidade, Marcelo Iunes, do presidente da Câmara, vereador Roberto Façanha, da primeira-dama e secretária municipal de Assistência Social e Cidadania, Amanda Balancieri Iunes, e do secretário de Governo, Luiz Antônio da Silva, um ato de gratidão e reconhecimento pela importância do povo palestino na formação cultural e na contribuição do progresso de Corumbá.<sup>74</sup>

O prefeito mandou o projeto para Câmara e nós votamos por unanimidade para que esse nome fosse dado, porque nós reconhecemos que vocês são a maior comunidade palestina do Mato Grosso do Sul. [...] Pessoas que convivem com todos, somos realmente irmãos. É justa essa homenagem, parabéns a vocês e a todos que contribuíram para que esse sonho de vocês se tornasse realidade, afirmou em 2019 o presidente da Câmara de Vereadores.<sup>75</sup>



**Figura 13:** Praça Palestina em Corumbá.<sup>76</sup>

Descendente de sírios, o prefeito destacou a histórica convivência harmoniosa entre o povo corumbaense e os imigrantes, e reforçou a importância da comunidade árabe para a formação cultural e econômica da cidade. Autor do projeto que batizou a praça, Roberto

<sup>73</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado n.º 9 (2021).

<sup>74</sup> CORUMBÁ. Prefeitura de Corumbá, MS. *Comunidade árabe celebra dois anos da Praça da Palestina, no Centro de Corumbá*. Op. cit.

<sup>75</sup> Id. *Minha Corumbá: História e dados estatísticos*, 2021b. Disponível em: <<https://www.corumba.ms.gov.br/minha-corumba/>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

<sup>76</sup> Imagem cedida do Arquivo pessoal do entrevistado n.º 7 (2021).

Façanha afirmou, na época da inauguração, a importância de homenagear a comunidade palestina.<sup>77</sup>

Recentemente, os palestinos passaram a participar mais ativamente da vida política da cidade. O entrevistado nº 7 afirmou que a cidade conta com um vereador descendente de palestinos, reforçando a bancada de descendentes de árabes, tanto sírios quanto libaneses.

### **Considerações finais**

Os palestinos tiveram uma trajetória difícil em Corumbá, desde o momento em que foram forçados a migrar de sua terra natal, após a criação do Estado de Israel. Expropriados, fugiram da pobreza.

Os palestinos pioneiros, no início de sua fixação em Corumbá, enfrentaram dificuldades financeiras, com a linguagem e com as práticas culturais totalmente diferentes. Contudo, superaram essas dificuldades trabalhando inicialmente como mascates. Não se davam ao direito de gozar de férias, mesmo depois de terem instalado suas lojas físicas. Renunciando às comodidades, acumularam capital e compraram imóveis no município.

Os primeiros palestinos chegaram a Corumbá ainda de navio. Ao se instalarem na cidade, dedicaram-se a mascatear mercadorias. Ajudaram outros patrícios, que seguiram suas pegadas, movidos pelos mesmos motivos. A colônia palestina foi sendo constituída com fortes laços de solidariedade e de união, o que amenizou os desafios enfrentados numa região muito diferente em tudo ao que conheciam, desde a culinária, a religião, o idioma e outros costumes.

Organizaram-se. Criaram associações. Passaram a participar de forma direta ou indireta na vida política e econômica da cidade, bem como em ações sociais beneficentes.

Os palestinos, que inicialmente trabalhavam como mascates nas ruas e nos bairros da cidade, acumularam capital progressivamente. A ascensão econômico-social lhes permitiu fundar lojas, de início, e, em seguida, comprar imóveis na cidade e na zona rural. Desde então, precisaram contratar trabalhadores para o funcionamento de seus estabelecimentos, o que se estendeu até os dias atuais.

De acordo com os relatos colhidos por meio das entrevistas, a contratação de prestadores de serviços para construir e reformar seus imóveis também vêm contribuindo para movimentar a economia da cidade, contribuindo para arrecadação de tributos.

---

<sup>77</sup> CORUMBÁ. Prefeitura de Corumbá, MS. *Minha Corumbá: História e dados estatísticos*. *Op. cit.*

Na parte da economia, a colônia palestina foi e ainda é um dos pilares da economia de cidade, conforme comprovado por meio dos registros de imóveis emitidos pelo Cartório de Imóveis de Corumbá: 80% do comércio pertence aos empresários palestinos, sem contar com o patrimônio que possuem, principalmente no centro comercial. Tudo isso contribuiu e continua contribuindo na arrecadação de tributos (federais, estaduais e municipais) e também no emprego, visto que em média cada estabelecimento comercial de proprietário palestino emprega cinco funcionários, além das domésticas que trabalham nas suas casas, jardineiros, piscineiros. Tem um impacto muito grande na cidade. Outra observação é que as mulheres tiveram muito mais dificuldades em se adaptar do que os homens, por causa dos costumes.

Recebido em 03 de junho de 2022

Aceito em 27 de agosto de 2022